



Conflitos entre criadores da raça Moxotó e animais silvestres no Semiárido pernambucano

[Conflicts between breeders of the Moxotó breed and wild animals in the Semiarid of the Pernambuco state]

"Artigo Científico/Scientific Article"

Rosália Barros Nascimento de **Medeiros**¹, Janaina Kelli Gomes **Arandas**^{1*}, Ângelo Giuseppe Chaves **Alves**¹, Rômulo Romeu Nóbrega **Alves**³, Maria Norma **Ribeiro**¹

¹Departamento de Zootecnia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE, Brasil.

²Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE, Brasil.

³Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande-PB, Brasil.

*Autor para correspondência/Corresponding author: E-mail: janaina_arandas@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivos identificar conflitos existentes entre criadores de caprinos da raça Moxotó e os predadores naturais dos seus animais, no município de Ibimirim, Pernambuco, bem como descrever as formas locais de prevenção aos ataques e suas implicações para conservação de raças caprinas e espécies silvestres. As informações foram obtidas através de entrevistas com questionários semiestruturados, complementadas com listas-livres. Foram entrevistados nove criadores, considerados especialistas locais. Foram identificadas 13 espécies selvagens como as principais causadoras de danos para as criações de caprinos da região. As espécies citadas foram carcará (*Caracara plancus*), gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*), conhecido e designado na região pelos criadores como gato-do-mato azul e vermelho, jiboia (*Boa constrictor*), urubu (*Coragyps atratus*), cão doméstico (*Canis familiaris*), raposa (*Cerdocyon thous*), cascavel (*Crotalus durissus*), morcego (*Desmodus rotundus*), jararaca (*Bothropoides erythromelas*), onça-parda (*Puma concolor*) e gavião (espécie não-identificada), em ordem decrescente de importância. O conflito entre criadores de caprinos e os animais silvestres se deve aos prejuízos econômicos causados pelos ataques. Os criadores diferenciam as espécies predadoras principalmente pela forma e intensidade dos ataques. Em geral, a caça ainda é a principal forma de prevenção dos ataques, porém, registraram-se formas locais de defesa para algumas espécies. É necessário que se estabeleça um diálogo constante entre os criadores e os órgãos ambientais responsáveis pelas políticas públicas com o objetivo de desenvolver estratégias para a conservação das raças locais, como a raça Moxotó, e espécies silvestres.

Palavras-chave: animais de produção; conhecimento local; conservação; raças locais.

Abstract

This article aims to identify conflicts among Moxotó breeders and natural predators of their animals, in the municipality of Ibimirim, Pernambuco, as well as describe the local means for preventing attacks and their implications for Moxotó breed conservation and wild species. The information was obtained through interviews with semi-structured questionnaires, supplemented with free lists. Nine farmers considered local experts were interviewed. Thirteen species of predators were considered the main cause of damage to the goat production system in the region. Based on the salience index the caracara (*Caracara plancus*), cat-moorish (*Puma yagouaroundi*), known and designated in the region by the breeders as blue and red wild cat, boa constrictor (*Boa constrictor*), vulture (*Coragyps atratus*), domestic dog (*Canis familiaris*), fox (*Cerdocyon thous*), rattlesnake (*Crotalus durissus*), bat (*Desmodus rotundus*), jararaca (*Bothropoides erythromelas*), puma (*Puma concolor*), and hawk (unidentified species) were identified in decreasing order of importance. The conflict between goat farmers and wild animals is due to the economic damage caused by the attacks. Breeders differentiate predatory species mainly by the form and intensity of the attacks. In general, hunting is still the main form of preventing attacks, however, local forms of defense have been recorded for some species. It is necessary to establish a constant dialogue between the breeders and the

Recebido 06 de março de 2019. Aceito 15 de outubro de 2020.

DOI: <https://doi.org/10.26605/medvet-v14n4-2525>

environmental agencies responsible for public policies in order to develop strategies for the conservation of local breeds, such as the Moxotó breed, and wild species.

Keywords: production animals; local knowledge; conservation; local breeds.

Introdução

Um dos caminhos para a documentação e valorização do saber local referente aos recursos naturais é a Etnociência, através de suas várias abordagens. A diversidade de interações que as culturas humanas mantêm com os animais é abordada geralmente pela Etnozoologia (Costa Neto, 2000). Por outro lado, as relações entre os homens e os animais de produção são explicadas pela Etnozootecnia.

Alves et al. (2010) definem Etnozootecnia como abordagem etnocientífica dedicada à realização de estudos interdisciplinares a respeito dos conhecimentos, práticas e crenças das populações humanas (principalmente as rurais) sobre os animais de produção, considerando, inclusive, as convergências e divergências entre os conhecimentos zootécnicos aceitos pela comunidade científica e aqueles manifestados pelas populações humanas envolvidas nos estudos.

A Etnozootecnia tem como finalidade compreender a importância histórica, econômica, cultural e religiosa, o que justifica a manutenção das raças ou de certa espécie de animais de produção por determinada comunidade. O resultado de pesquisas com este enfoque pode contribuir para implementação de programas sustentáveis de conservação e melhoramento de raças de interesse zootécnico (Alves et al., 2010).

Pesquisas realizadas com raças localmente adaptadas, especificamente com a raça caprina Moxotó têm destacado a introdução de raças exóticas como principal fator de risco para manutenção da sua diversidade intrarracial (Rocha et al., 2007 Oliveira et al., 2006; Nascimento, 2010), mas outros aspectos menos evidentes têm promovido amplo impacto na produção caprina, principalmente em sistemas de criações extensivas, a exemplo, dos conflitos com espécies predadoras que são frequentes e têm causado grandes prejuízos aos criadores. A predação de criações domésticas por carnívoros silvestres tem se intensificado principalmente aos redores de áreas protegidas (Kumar, 2012). Redpath et al. (2013) ressaltam que este é um dos problemas mais difíceis de ser resolvido para a conservação

de uma raça, pois, geralmente há divergência de interesses entre criadores e órgãos de fiscalização.

Neste contexto, esta pesquisa teve como objetivos identificar conflitos entre criadores de caprinos da raça Moxotó e seus predadores naturais, no município de Ibimirim, Pernambuco, descrever as formas locais de prevenção e suas implicações para a conservação de caprinos localmente adaptados e das espécies silvestres.

Material e Métodos

Área de estudo

O trabalho foi desenvolvido no município de Ibimirim, na mesorregião sertão pernambucano e microrregião sertão do Moxotó, onde concentra-se a maioria dos rebanhos da raça Moxotó, alvo deste estudo (Figura 1). A sede municipal encontra-se a 8°32'27" de longitude e 37°41'24" de latitude. Ibimirim abrange um território de 1.906,437 Km² e sua população é de aproximadamente 27.000 mil habitantes, deste total cerca de 15.000 pessoas habitam áreas rurais. Ocupa a posição 5169º pelo Índice de Desenvolvimento Humano por município. O índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) alcançou valor de 2.756 (IBGE, 2010).



Figura 1. Localização da área de estudo no município de Ibimirim, região semiárida do estado de Pernambuco.

Coleta dos dados

Os dados coletados no presente trabalho foram obtidos de entrevistas com criadores de caprinos da raça Moxotó, no período de janeiro de 2011 a setembro de 2012. Foram usadas listas

livres e questionários, os quais foram aplicados aos criadores considerados pela comunidade como maiores detentores de conhecimento sobre o assunto abordado, chamados de especialistas nativos ou locais (Marques, 1995). As informações coletadas foram referentes aos potenciais predadores naturais dos caprinos da raça Moxotó em Ibirimir, Pernambuco (Albuquerque et al., 2010).

Os criadores caracterizados como “especialistas locais” foram selecionados dentro do grupo de criadores a partir da pesquisa realizada por Nascimento (2010). Dos dezessete participantes, nove foram indicados pelos demais como especialistas locais, os demais criadores foram surgindo a medida que se aplicava a técnica conhecida como bola de neve (*snowball*) (Bailey, 1994), no qual, cada participante aponta qual membro da comunidade avaliada é reconhecido como maior conhecedor do tema proposto. Ao final a amostra foi formada por nove especialistas nativos (sete homens e duas mulheres) com idade variando de 20 a 71 anos de idade e todo o grupo tinha ensino fundamental ou médio completo.

A técnica de listagem livre é geralmente utilizada para identificar domínios culturais ou itens em um domínio cultural, ou seja, as percepções e conceitos compartilhados por um grupo de pessoas (Bisol, 2012). Essa técnica foi adotada com o intuito de identificar as espécies predadoras da criação de caprinos da raça Moxotó, partindo-se do princípio de que os

elementos culturalmente mais importantes aparecem em muitas das listas, por ordem de importância cultural (Bernard, 2002). A lista livre foi construída a partir da pergunta-chave inicial: “Quais são os “bichos” que mais atacam os bodes por aqui?”

Foram utilizadas técnicas adicionais de coleta com o intuito de estimular ao máximo os criadores durante a construção das listas e enriquecer os dados obtidos previamente. Para isso, foi realizada a indução não específica (*nonspecific prompting*), que consiste em questionar mais uma vez o informante logo após este ter relatado não recordar de mais elementos e, bem como a técnica conhecida como releitura (*reading back*), a qual se fundamenta na repetição lenta para o informante dos itens que ele mencionou na lista livre, seguindo a metodologia de Brewer (2002).

Os predadores foram registrados de acordo com os nomes populares mencionados pelos entrevistados. A identificação da espécie do predador citado foi feita com apoio de pranchas com fotos, as quais eram apresentadas aos criadores para confirmação (Figura 2). Paralelamente, foi aplicado um questionário com perguntas que abordavam quais formas de predação, as partes do corpo preferidas pelos predadores, épocas de maior ataque, idade de maior suscetibilidade dos animais aos ataques e as formas de prevenção utilizadas.



Figura 2. Identificação das espécies dos predadores citados pelos criadores entrevistados.

Análise de dados

A partir das listas livres foram calculados a frequência, ranking e índice de saliência das espécies citadas como predadores, usando o

programa *Anthropac* versão 4.0 (Borgatti, 1992). O índice de saliência considera as frequências de citações dos predadores identificados; o ranking se refere ao ordenamento dos predadores listados

por ordem de citação, no momento da aplicação do método. As espécies de predadores com maior índice de saliência representarão as espécies mais citadas e recordadas inicialmente pelos criadores especialistas locais.

Os dados obtidos dos questionários foram analisados por meio de estatísticas descritivas e análises de agrupamento pelo método do Ward, o qual permite a formação de grupos, com o menor erro interno entre os vetores que compõem cada grupo e o vetor médio do grupo (Hair et al., 2009).

As diferenças entre o número de espécies de predadores citadas de acordo com a idade e escolaridade do entrevistado, foram testadas por métodos não-paramétricos. O efeito da idade foi avaliado pelo teste H de Kruskal-Wallis, que serve para comparar três ou mais amostras. As possíveis diferenças entre os níveis de escolaridade foram medidas pelo teste de Wilcoxon, que permite avaliar a igualdade de medidas de posição de duas amostras dependentes (Levin e Fox, 2004). As análises foram realizadas com o auxílio do software *Statistical Analysis System* (SAS, 1999). Em ambos os testes foi considerado o nível de 5% de probabilidade ($p < 0,05$).

Resultados e Discussão

Todos os entrevistados afirmaram ter ligação com a criação de caprinos desde a infância, através do trabalho realizado no manejo dos rebanhos no seu dia a dia. Ainda relataram possuir alguma vivência com os animais silvestres e domésticos, os quais promovem danos e prejuízos as suas criações.

Não foi observada diferença significativa entre a idade dos informantes e escolaridade, sobre o número de espécies predadoras citadas ($p > 0,05$). Provavelmente, este fato ocorreu pela homogeneidade de conhecimento do grupo de especialistas nativos entrevistados.

Os criadores especialistas citaram 13 espécies de predadores, distribuídas em 11 gêneros e oito famílias (Tabela 1). Apenas uma espécie (o gavião) não foi identificada taxonomicamente, devido à falta de consenso na descrição feita pelos entrevistados. A grande quantidade de gêneros e espécies identificadas é indicativo de grande diversidade biológica existente na região.

A análise de agrupamento permitiu classificar os predadores identificados em 5 grupos (Figura 3). Os fatores que mais

contribuíram para a formação de grupos foram, principalmente, a forma e objetivo de ataque dos predadores (Tabela 2). Ünal et al. (2020) utilizaram a análise de agrupamento para avaliar as interações existentes entre humanos, animais domésticos e espécies selvagens em uma paisagem florestal do Mediterrâneo.

O grupo 1 foi composto pelas aves carcará, urubu e gavião. Estas espécies foram apontadas pelos criadores como responsáveis por predação, principalmente, de crias caprinas até três dias de vida. O carcará e o gavião se alimentam dos olhos, língua e o fígado de crias (Tabela 2). Mendonça et al. (2011) identificaram este mesmo grupo de animais com as mesmas características de predação no Semiárido paraibano. Os urubus raramente se alimentam de forma oportunista de animais vivos (Sick, 1997), porém, os entrevistados relataram que na região estudada o urubu tem o hábito de se alimentar da placenta e dos restos de tecidos provenientes do parto e, comumente, acaba atacando também a cria recém-nascida, momento em que ainda está envolvida por estes tecidos. A forma local de prevenção adotada para os ataques por predadores no grupo estudado consiste em adicionar veneno as carcaças de animais mortos, o que não se caracteriza como uma armadilha para esta espécie, causando a sua morte por envenenamento.

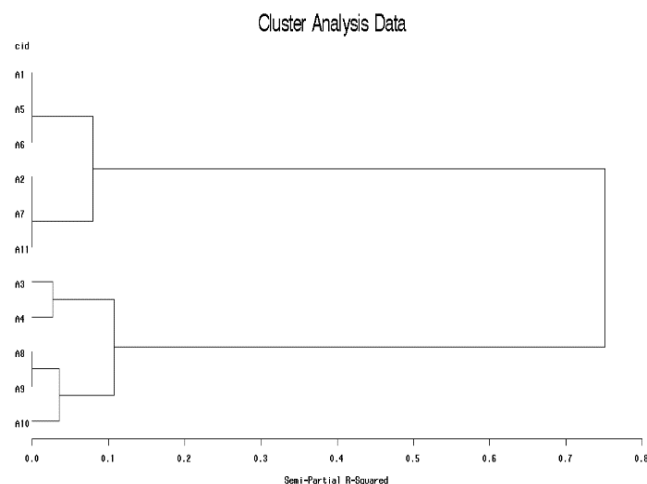


Figura 3. Análise de agrupamento pelo método de Ward. Grupo 1 (A1- carcará, A2 - urubu; A6 - gavião); Grupo 2 (A2 - raposa, A7 – onça-parda, A11- gato-mourisco, designado localmente como gato-do-mato azul e vermelho); Grupo 3 (A3 – jiboias; A – 4 cachorro); Grupo 4 (A8 – cascavel; A10 – jararaca); Grupo 5 (A10 – morcego).

O grupo 2 se refere ao grupo dos carnívoros como a raposa, onça-parda e o gato-mourisco, conhecido e designado na região pelos criadores como gato-do-mato (azul e vermelho). Apenas para este grupo foram registradas formas locais de prevenção dos ataques, listadas na Tabela 2, onde encontra-se a descrição de suas formas de ataque, época e preferência de ataques. Os predadores deste grupo iniciam o ataque as suas presas pelo pescoço como verificado por Cavalcanti et al.

(2015). Baseados nesse conhecimento, os criadores desenvolveram um instrumento de defesa que consiste em um colar de couro, que é colocado no pescoço do caprino para prevenir os ataques. Os informantes relataram que com esta medida os caprinos têm mais chances de fugir das investidas dos predadores. Além do colar, os criadores também usam chocalhos como forma de afastar os predadores (Figura 4).

Tabela 1. Lista de espécies de predadores citadas pelos especialistas nativos, entrevistados no Município de Ibimirim, Pernambuco.

Família	Espécie	Nome local
Boidae	<i>Boa constrictor</i>	Jiboia
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	Raposa
Canidae	<i>Canis familiaris</i>	Cachorro
Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu
Elapidae	<i>Micrurus ibiboboca</i>	Cobra-coral
Falconidae	<i>Caracara plancus</i>	Carcará
Felidae	<i>Puma concolor</i>	Onça-parda
Felidae	<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-do-mato azul e vermelho*
Felidae	<i>Leopardus tigrinus</i>	Maracajá e gato-pintado**
Phyllostomidae	<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego que morde bicho
Viperidae	<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel
Viperidae	<i>Bothropoides erythromelas</i>	Jararaca
Não identificada	Não identificada	Gavião

*Gato-mourisco; **Gato-do-mato-pequeno.

Tabela 2. Formas de ataques e época e preferência de ataque dos predadores de caprinos no Município de Ibimirim, Pernambuco.

Nome local dos predadores citados	Partes do corpo preferidas pelos predadores	Métodos locais de defesa	Idade de maior suscetibilidade dos animais aos ataques	Épocas de maior ataque	Formas de ataque
Gato-do-mato (azul e vermelho)*, raposa e onça-parda	Peitoral	Caça, tira de couro no pescoço dos cabritos	Até 5 meses de vida	Seca	Abocanhada no pescoço do caprino
Carcará, urubu e gavião	Língua, olhos e fígado	Tiros e inserção de veneno em restos de animais mortos	Até os 15 a 20 dias de vida	Seca	Contenção com unhas
Jiboia	Deglute o animal por inteiro	Mata ou joga em buraco, para dificultar a fuga	Média de 6 meses de vida	Seca	Aperta e quebra os ossos
Cão	Sem preferência	Mata	Acima de 6 meses	Indiferente	Abocanhada no pescoço
Cascavel, jararaca e cobra-coral	Ataca por defesa	Mata	Indiferente	Indiferente	Picada em qualquer parte do corpo (defesa)
Morcego que morde bicho	Ingere o sangue	Não fazem nada	Indiferente	Indiferente	Suga sangue do dorso e pescoço

*Gato-mourisco.

A dieta carnívora e a necessidade de grandes áreas para grandes e médios carnívoros levaram à competição milenar com seres humanos por espaço e comida, gerando uma variedade de conflitos materiais, sociais e emocionais (Trêves e Karanth 2003).

A maioria dos conflitos com predadores, principalmente os relacionados ao ataque de animais domésticos por carnívoros silvestres, é reflexo de algum desequilíbrio no ecossistema, em consequência, por exemplo da fragmentação do habitat. Mamíferos carnívoros não têm como hábito natural o ataque a animais domésticos. No entanto, para que o ataque não aconteça é necessário que o ambiente compartilhado esteja equilibrado. Este equilíbrio está diretamente associado ao tamanho significativo da área para a sobrevivência das diferentes espécies, recursos alimentares disponíveis, já que a diminuição de presas naturais pode levar os carnívoros a atacarem espécies domésticas e baixa ou nenhuma influência antrópica (Conover, 2002).



Figura 4. Animais com chocalho (A) e collar de couro (B), formas de defesa local aos ataques do gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*), onça-parda (*Puma concolor*) e raposa (*Cerdocyon thous*).

Os criadores mencionaram ainda que a caça só é praticada quando há aumento dos ataques, não a utilizando para quaisquer outras finalidades. Em sistema comunal de uso da caatinga, os animais são mais expostos aos predadores e os prejuízos são maiores do que nos sistemas de produção de grande escala (Oli et al., 1994; Nowell e Jackson, 1996). Apesar da caça ser utilizada apenas contra a ação predatória da criação caprina, diversos fatores afetam as populações de espécies selvagens da caatinga, dentre elas caça destes animais pelas populações locais (Alves et al., 2007).

Farias (2004) salienta que esses animais têm grande importância ecológica devido ao fato de que são considerados espécies-chave, pois

estão no topo da cadeia alimentar, conceito que atribui a algumas espécies maiores influências do que outras na sobrevivência e diversidade da comunidade silvestre. A compreensão de como os criadores enxergam esta categoria animal pode favorecer a implantação de novas formas de convivência.

O grupo 4 foi constituído pelas serpentes (cascavel e jararaca), com exceção da jiboia que foi alocada no grupo 3 junto com o cachorro. Esta divisão se justifica pela forma e a motivação dos ataques de cada espécie (Tabela 2). Para os criadores, serpentes em geral são perigosas tanto para suas criações quanto para os criadores e pessoas em geral, fato que provoca medo e repulsa por parte da população. Essa repulsa dos criadores pelas serpentes, provavelmente contribuiu para morte indiscriminada destes animais. Mendonça et al. (2011) avaliaram conflitos entre pessoas e animais silvestres no Semiárido paraibano e observaram que as serpentes são mortas independentemente de serem ou não peçonhentas, justamente pela visão de perigo que representam, fato também verificado na presente pesquisa. Segundo relatos, não há formas locais de prevenção aos ataques e as serpentes sempre são mortas pelos criadores, o que pode colocar em risco a conservação desta espécie.

A repulsa dos seres humanos por serpentes pode também estar relacionada à mistificação que existe em torno desses animais e crenças populares negativas sobre a serpente (Fita et al., 2010). Moura et al. (2010) e Alves et al. (2012) avaliaram o conhecimento local sobre serpentes em comunidades rurais, e observaram interação negativa entre o homem e as serpentes, fato que pode contribuir negativamente para a conservação dessa espécie. Com frequência, observa-se em comunidades rurais o uso de serpentes para fins medicinais, religiosos (Alves et al., 2009), ou para consumo da carne (geralmente no caso da jiboia). No presente estudo não houve relato do uso dessas práticas na região estudada.

O morcego (*Desmodus rotundus*) compôs o grupo 5 isoladamente devido a sua causa predação secundária. O principal problema causado pelo morcego hematófago, segundo os entrevistados, são as “bicheiras” (miíases), adquiridas pelos caprinos nas áreas do corpo dos animais atacados. O morcego hematófago é um potencial transmissor do vírus rábico em humanos, bovinos e animais domésticos; além disso, são responsáveis pela depreciação do couro

animal, perda de produtividade e o aparecimento de infecções secundárias, sendo esta última bastante relatada pelos criadores (Torres et al., 2005).

Na Tabela 3, tem-se a ordenação pelo índice de saliência das espécies em ordem de importância para os criadores entrevistados. Segundo relatos, os predadores que mais causam prejuízo às criações caprinas são o gato-do-mato azul e vermelho (gato-mourisco), o carcará e a jiboia.

O gato-do-mato azul e vermelho, o carcará e a jiboia são espécies que possuem formas e épocas de ataque diferentes, mas sempre na busca por alimento. Nos primeiros dias de vida do animal, o carcará é o principal predador, seguido do gato-do-mato azul e vermelho, que atacam caprinos até os 5-6 meses. Por último, a jiboia tem preferência por animais mais velhos, por volta dos 6 meses. Esses aspectos são importantes para a definição de estratégias de defesa e combate aos predadores.

Observa-se grande coerência entre saberes e práticas das populações tradicionais sobre as espécies de animais com as quais convivem e interagem. Os povos que praticam atividade de caça geralmente conhecem bastante sobre anatomia animal (Santos-Fita e Costa-Neto, 2007), conhecem os artifícios usados pelos predadores para alcançar suas presas (os caprinos) e com isso são capazes de desenvolver mecanismos locais de defesa.

Os entrevistados afirmaram que a aproximadamente 20 ou 30 anos atrás, caçavam principalmente espécies como gato-do-mato azul e vermelho, e a jiboia com intuito de comercializar seu couro e pele. Porém, após a fiscalização ficar mais rigorosa esta prática foi extinta. Nenhum dos entrevistados relatou ter tido algum tipo de problema com órgãos fiscalizadores. Esses resultados indicam que os criadores reconhecem que é incorreto a caça para fins comerciais, justificando tal ação apenas para proteção de suas criações contra os predadores.

Tabela 3. Frequência relativa (FR) de citações e índices de saliência para espécies predadoras da criação de caprinos da Raça Moxotó, segundo os criadores entrevistados através de listagem-livre.

Nome Local	Nome Científico	FR (%)	Saliência	Ordenação
Carcara	<i>Caracara plancus</i>	100	0,757	2°
Gato-azul e vermelho*	<i>Puma yagouaroundi</i>	100	0,861	1°
Morcego	<i>Desmodus rotundus</i>	100	0,143	8°
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i>	88,9	0,388	7°
Jiboia	<i>Boa constrictor</i>	77,8	0,471	3°
Urubu	<i>Coragyps atratus</i>	77,8	0,461	4°
Cachorro	<i>Canis familiaris</i>	66,7	0,426	5°
Raposa	<i>Cerdocyon thous</i>	66,7	0,397	6°
Jararaca	<i>Bothropoides erythromelas</i>	22,2	0,133	9°
Onça-parda	<i>Puma concolor</i>	22,2	0,074	10°
Gavião	Espécie não identificada	11,1	0,056	11°

Fr (%) – Frequência e porcentagem, *Gato-mourisco.

A raposa (*C. thous*) e a onça-parda (*P. concolor*) fazem ataques mais esporádicos. Os produtores relatam que a cerca de 20 anos atrás, havia mais ataques destas espécies, porém, atualmente, elas são bastante raras. As diminuições dos ataques podem estar relacionadas ao declínio da biodiversidade faunística do bioma Caatinga, e especificamente à diminuição das populações dessas espécies.

Palmeira e Barrella (2007) avaliaram os conflitos causados pela predação de rebanhos domésticos por grandes felinos em comunidades quilombolas e observaram que 54% dos seus entrevistados declararam que para controlar ataque de onças estas deveriam ser todas exterminadas. A predação de animais de produção

não traz prejuízo apenas para o criador, mas também para os animais silvestres. A tentativa de equilíbrio entre animais domésticos e animais silvestres está diretamente ligada à estabilidade e manutenção dos ecossistemas e consequentemente trará menos prejuízo para biodiversidade.

Conclusão

A identificação do predador de animais domésticos na área de estudo é um passo importante na determinação de métodos de controle adequados para diminuir o conflito existente entre criadores da raça caprina Moxotó e animais silvestres no Semiárido pernambucano.

É necessário o diálogo entre os criadores e os órgãos competentes ambientais para

implantação/inserção de políticas públicas eficazes que visem práticas de manejo que podem auxiliar na prevenção e controle de danos, levando em considerando o contexto social e cultural da população local.

Conflito de Interesse

Os autores declaram não existir conflito de interesse.

Comitê de Ética

A pesquisa não utilizou animais, não sendo necessária a emissão de parecer favorável pela Comissão de Ética no Uso de Animais. Todos os criadores entrevistados assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Agradecimentos

Ao Banco do Nordeste do Brasil e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo apoio financeiro para realização da pesquisa.

Referências

- Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P.; Alencar, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P.; Cunha, L.V.F.C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), 2010. p.39- 64.
- Alves, R.R.N.; Rosa, I.L.; Santana, G.G. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. **BioScience**, 57(11): 949-955, 2007.
- Alves, R.R.N.; Léo Neto, N.A.; Santana, G.G.; Vieira, W.L.S.; Almeida, W.O. Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. **Applied Herpetology**, 6(3): 257-274, 2009.
- Alves, A.G.C.; Pires, D.A.F; Ribeiro, M.N. Conhecimento local e produção animal: uma perspectiva baseada na etnozootecnia. **Archivos Zootecnia**, 59(R): 45-56, 2010.
- Alves, R.R.N.; Vieira, K.S.; Santana, G.G.; Vieira, W.L.S.; Almeida, W.O.; Souto, W.M.S.; Pezzuti, J.C.B. A review on human attitudes towards reptiles in Brazil. **Environmental Monitoring and Assessment**, 184(11): 6877-6901, 2012.
- Bailey, K. **Methods of social research**. 4th ed. New York: The Free Press, 1994. 553p.
- Bernard, R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. New York: Almira Press, 2002. 821p.
- Bisol, C.A. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 29(1): 719-726, 2012.
- Borgatti, S.P. **Anthropac 4.0**. Natick: Analytic Technologies, 1992.
- Brewer, D.D. Supplementary interviewing techniques to maximize output in free listing task. **Field Methods**, 14(1): 108-118, 2002.
- Cavalcanti, S.M.C.; Paula, R.C. de; Gasparini-Morato, R.L. **Conflitos com mamíferos carnívoros: uma referência para o manejo e a convivência**. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio. 2015.
- Costa Neto, E.M.A. Etnozoologia no Brasil: um panorama bibliográfico. **Bioikos**, 14(2): 31-45, 2000.
- Conover, M.R. **Resolving human-wildlife conflict: the science of wildlife damage management**. Cherril Hill: Lewis Publishers, 2002.
- Hair Jr., J.F.; Black, W.C.; Babin, B.J.; Anderson, R.E.; Tatham, R.L. **Análise multivariada de dados**. 6^a ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 688p.
- IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa da Pecuária Municipal 2011. **Produção da pecuária municipal**. v. 39, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm_2011_v39_br.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2012.
- Farias, F.D.B. Selvageria ou carência nutricional? **Ciência Hoje**, 35(209): 62-65, 2004.
- Fita, D.S.; Neto, E.M.C.; Schiavetti, A. 'Offensive' snakes: cultural beliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural settlement. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 6(1): 1-13, 2010.
- Kumar, H. Human-wildlife conflict in a degraded habitat of lower Chambal valley. **Asian Journal of Research in Social Sciences and Humanities**, 2(4): 193-205, 2012.
- Levin, J.; Fox, J.A. **Estatística para ciências humanas**. 9^a ed. São Paulo, 2004. 397p.

- Marques, J.G.W. **Pescando pescadores: uma etnoecologia abrangente no baixo São Francisco**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995. 304p.
- Mendonça, L.E.T.; Souto, C.M.; Andrelino, L.L.; Souto, H.M.S.; Vieira, W.L.S.; Alves R.R.N. Conflitos entre pessoas e animais silvestres no Semiárido paraibano e suas implicações para conservação. **Sitientibus - série Ciências Biológicas**, 11(2): 185–199, 2011.
- Moura, M.R.; Costa, H.C.; De Avelar São-Pedro, V.; Fernandes, V.D.; Feio, R.N. O relacionamento entre pessoas e serpentes no Leste de Minas Gerais, Sudeste do Brasil. **Biota Neotropica**, 10(4): 133-141, 2010.
- Nascimento, R.B. **Caracterização morfoestrutural e do sistema de criação da raça Moxotó em seu centro de origem com base no conhecimento local**. Dissertação (Mestrado em Zootecnia), Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2010. 75p.
- Ünal, Y.; Pekin, B.K.; Oğurlu, I.; Süel, H.; Koca, A. Human, domestic animal, Caracal (*Caracal caracal*), and other wildlife species interactions in a Mediterranean forest landscape. **European Journal of Wildlife Research**, 66(1), 1-5, 2020.
- Nowell, K.; Jackson, P. **Wild cats: Status Survey and Conservation Action Plan**. Gland: IUCN/SSC Cat Specialist Group, 1996. 382p.
- Oli, M.K.; Taylor, I.R.; Rogers, M.E. Snow leopard *Panthera uncia* predation of livestock: An assessment of local perceptions in the Annapurna Conservation Area, Nepal. **Biological Conservation**, 68(1): 63-68, 1994.
- Oliveira, J.C.V. de; da Rocha, L.L.; Ribeiro, M.N.; Gomes Filho, M.A. Caracterização e perfil genético visível de caprinos nativos no Estado de Pernambuco. **Archivos de Zootecnia**, 55(209): 63-73, 2006.
- Palmeira, F.B.L.; Barrella, W. Conflitos causados pela predação de rebanhos domésticos por grandes felinos em comunidades quilombolas na Mata Atlântica. **Biota Neotropica**, 7(1): 119-128, 2007.
- Redpath, S.M.; Young, J.; Evely, A.; Adams, W.M.; Sutherland, W.J.; Whitehouse, A.; Gutiérrez, R.J. Understanding and managing conservation conflicts. **Trends in Ecology & Evolution**, 28(2): 100-109, 2013.
- Rocha, L.L.; Silva, R.C.B.; Oliveira, J.C.V.; Ribeiro, M.N. Avaliação morfoestrutural de caprinos da raça Moxotó. **Archivos de Zootecnia**, 216(1):483-488, 2007.
- Santos-Fita, D.; Costa-Neto, E.M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootecnia. **Biotemas**, 20(4): 99-10, 2007.
- SAS. **SAS/STAT. User's guide**. Version 8. v. 2. Cary: SAS Institute Inc., 1999.
- Sick, H. **Ornitologia brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 862p.
- Trêves, A.; Karanth, K.U. Human-carnivore conflict and perspectives on carnivore management worldwide. **Conservation Biology**, 17: 1491-1499, 2003.
- Torres, F.D.; Valença, C.; Andrade-Filho, G.V. First record of *Desmodus rotundus* in urban area from the city of Olinda, Pernambuco, Northeastern Brazil: a case report. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, 47(2): 107-108, 2005.